

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: O OLHAR DO ESTAGIÁRIO

SUPERVISED IN NURSING EDUCATION: THE LOOK OF THE TRAINEE

Letícia Maria Rodrigues Brito¹

Ana Lúcia Marran²

Resumo

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) na graduação de enfermagem possibilita ao acadêmico vivenciar situações reais do serviço de saúde num possível ambiente do trabalho, oportunizando a reflexão crítica e o desenvolvimento de habilidades e competências inerentes ao enfermeiro. Este estudo tem por objetivo descrever as percepções sobre o desenvolvimento do ECS no curso de graduação em enfermagem da UEMS a partir dos relatos dos estagiários. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, descritivos, com coleta de dados efetivada através da realização de grupos focais e dados analisados mediante a análise de conteúdo. Os resultados mostraram: sentimentos de ansiedade e medo que foram superados; que a conduta do enfermeiro supervisor é fundamental para a aprendizagem do estagiário; entre as dificuldades estão a necessidade de ampliar o conhecimento teórico e de cumprir o plano de atividades; as sugestões implicaram em flexibilidade de horários e dos campos de estágio e a padronização da avaliação docente e, por fim, relataram que suas expectativas foram alcançadas. Assim, o ECS torna-se necessário para aprimorar a relação teórico-prática, promover crescimento pessoal e desenvolvimento da autonomia, preparando-o para atuação profissional.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado, enfermagem, acadêmico.

Abstract

The Supervised (ECS) in nursing degree allows the academic experience real health service situations in a possible work environment, providing opportunities for critical reflection and the development of skills and competencies inherent to the nurse. This study aims to describe the perceptions of the development of the ECS in the undergraduate nursing UEMS from the reports of the trainees. This is a qualitative study, descriptive, with data collection carried out by conducting focus groups and data analyzed by content analysis. The results showed: feelings of anxiety and fear that have been overcome; the conduct of the nurse supervisor is essential for learning the trainee; Among the difficulties is the need to increase the theoretical knowledge and to fulfill the business plan; suggestions implied flexible schedules and internship opportunities and the standardization of teacher assessment and, finally, reported that their expectations were met. Thus, the ECS it is necessary to enhance the theory-practice relationship, promote personal growth and development of autonomy, preparation for professional practice.

Keywords: Supervised, nursing, academic.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) proporciona ao acadêmico de enfermagem a visão da realidade em seu futuro ambiente de trabalho. Nesse sentido, Lima et al. (2014) afirmam que o ECS viabiliza ao estagiário de enfermagem um contato direto com a realidade de saúde da população, considerando isso de suma importância para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, além de aprimorar os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de graduação, por meio da correlação da teoria com a prática.

A Lei de estágio n. 11.788 destaca que o estágio visa o desenvolvimento de competências no estudante em ambiente de atividade de profissional através da contextualização curricular, preparando-o para o trabalho produtivo (MARRAN, 2011).

Colliselli et al. (2009) afirma que o ECS tem como objetivo dar oportunidades para os acadêmicos consolidarem os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, através do planejamento e implementação de uma prática assistencial de enfermagem, promovendo a relação entre teoria e prática. Essa experiência possibilita-lhes a inserção e atuação no contexto social enquanto sujeitos provocadores de mudanças nos espaços da produção social da saúde.

Paiva e Martins (2012) citam que o estágio durante o curso superior tem um grande valor, pois quando o aluno realiza os estágios ele tem a oportunidade de vivenciar o mundo do trabalho a educação em enfermagem se amplia, indo além do ambiente escolar. “Acredita-se que com o estágio curricular supervisionado, as competências profissionais são promovidas, fortalecidas e ampliadas, sendo esta a maneira mais eficiente e duradoura de adquirir conhecimento, habilidade e atitude (BENITO et al., 2012, p. 176)”.

No ECS, além de obter conhecimento na vivência da prática, a relação com o professor orientador amplia o aprendizado por meio da ação-reflexão-ação. Nesse ínterim,

Werneck et al (2010) afirmam que “o professor assume o papel de facilitador da aprendizagem e busca alcançar os objetivos da formação e os interesses da instituição que sedia o estágio e da população atendida”.

O processo de ensino-aprendizagem no ECS é realizado entre diversos atores sociais que cercam a experiência desenvolvida: os alunos, os professores, a população, os gestores e demais profissionais de saúde, a fim de construir a capacidade de autonomia profissional e política do acadêmico (WERNECK et al, 2010).

O professor tem o papel de nortear o acadêmico, contribuindo no seu aprendizado e interação com a equipe. Brehmer e Ramos (2014) citam que a interação ensino-serviço promove a troca de conhecimentos e o docente contribui para fornecer informações sobre a realidade, é nesta interação que se estreitam as relações entre docentes, alunos e profissionais de saúde, essas relações facilitam a interação do aluno e a realidade do trabalho em saúde.

Ito e Takahashi (2005) relatam que no ECS, o enfermeiro tem um papel fundamental na prática do processo de aprendizagem do aluno, além de ser uma importante referência de trabalho, o facilitador e o intermediador da integração do aluno ao serviço e a equipe de saúde, devendo estar preparado e seguro para transmitir a sua experiência, a qual permitirá ao aluno assimilar os conhecimentos teóricos com a prática que está sendo vivenciada em campo de estágio.

Dessa forma, tanto os docentes como os enfermeiros mostram a necessidade de acrescentar estratégias que estimulem o pensamento crítico e reflexivo do aluno, na problematização da prática (RESCK; GOMES, 2008).

O acadêmico de enfermagem se depara com situações reais e diferenciadas na prática do estágio, isso o impulsiona a exercer e amadurecer o seu papel profissional com mais qualidade, habilidade e segurança (BENITO et al., 2012). Spagnol et al. (2004) citam que os alunos de enfermagem têm buscado o estágio como um meio de ampliação de conhecimentos.

Diante desse cenário, justifica-se a realização desse trabalho que buscou responder como os estagiários do curso de enfermagem de uma Universidade pública de Mato Grosso do Sul perceberam o ECS durante o seu desenvolvimento. Com isso, o objetivo geral é descrever as percepções sobre o desenvolvimento do ECS no curso de graduação em enfermagem da UEMS da partir dos relatos dos estagiários. Desdobrando-se em objetivos específicos: Identificar as contribuições e dificuldades encontradas no desenvolvimento do ECS; Verificar os sentimentos despertados diante do ECS; Levantar as sugestões dos estagiários para o ECS e, Conhecer o olhar do acadêmico sobre a atuação do docente e do enfermeiro supervisor no seu processo de formação.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, optou-se pela abordagem qualitativa. Esteban (2010, p. 127) afirma que:

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimento.

Minayo (1998) relata que a pesquisa qualitativa aborda as representações sociais, insere a vivência das relações objetivas pelos sujeitos, que lhe concedem significados. Esse enfoque é capaz de assimilar a questão do significado e da intencionalidade como pertencentes aos atos, relações e às estruturas sociais, tanto no início quanto na sua formação, como construções humanas significativas.

É ao longo do desenvolvimento que a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada e não busca enumerar ou medir eventos e também não emprega instrumental estatístico para análise dos dados e sim, possui o foco de interesse amplo. (...) Frequentemente o pesquisador costuma entender fenômenos nas pesquisas qualitativas, segundo a perspectiva dos

participantes da situação estudada e assim estabelecer sua interpretação das situações estudadas (NEVES, 1996).

A organização do estudo foi norteada por levantamento bibliográfico e pesquisa de campo com realização de grupos focais, à luz da análise de conteúdo fez-se o tratamento dos dados e, por fim, a escrita desse trabalho.

O grupo focal promove uma multiplicidade de pontos de vistas e de emoções a partir do contexto de interação criado, o que permite alcançar os significados (dados) difíceis de ser obtidos por outros meios (GATTI, 2005).

A pesquisa qualitativa compõe-se de várias possibilidades metodológicas, as quais autorizam um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados. Através destas possibilidades, o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação do grupo, ocasiona uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico (BACKES et al., 2011). Estes autores também apontam que "o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados" (p. 439).

Os grupos focais foram realizados com a participação de 7 a 8 acadêmicos da 4ª série do curso de graduação em enfermagem matriculados no módulo de ECS, foram realizados 3 grupos focais, sendo dois (com acadêmicos diferentes em cada grupo) no ano de 2013 e um no ano 2014. A diferença na quantidade do grupo se deu devido ao número de alunos matriculados em 2014 serem menor que o de 2013 e, conseqüentemente, na aceitação em participar da pesquisa.

Os acadêmicos foram convidados, verbalmente, a participarem da pesquisa em um momento em que estavam todos reunidos em sala de aula, assim todos foram convidados, mas nem todos aceitaram participar. Na turma de 2013 haviam 27 alunos matriculados e

frequentando o módulo de ECS e aceitaram participar da pesquisa 15 alunos e, na turma de 2014 haviam 19 alunos matriculados e aceitaram participar da pesquisa 8 alunos. Os critérios de inclusão foram: estar matriculado no módulo de ECS e concluído a primeira etapa do estágio e não ser indígena. A coleta foi feita após a conclusão da primeira etapa do período do estágio. Lembrando, que o estágio é realizado em âmbito hospitalar e em unidades básica de saúde, sendo que tanto na primeira etapa, quanto na segunda etapa, os acadêmicos estão distribuídos em um dos dois ambientes de trabalho. Assim, participaram da pesquisa tanto os acadêmicos que haviam estagiado em unidades hospitalares (públicas e privadas) e também com quem haviam estagiado em unidades básicas de saúde (públicas).

Poupart (2008) sustenta que as condutas não podem ser compreendidas, nem explicadas fora da perspectiva de seus atores, com isso, nessa pesquisa, optamos por estudar o grupo dos estagiários.

Os relatos dos acadêmicos dos grupos focais foram gravados e posteriormente as falas foram transcritas, para o tratamento dos dados foi utilizado análise de conteúdo, que consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores, quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2009, p. 42).

Franco (2005) acrescenta que a análise de conteúdo é um dos procedimentos de maior envolvimento da teoria da comunicação. Assim, permite ao pesquisador fazer intervenção sobre qualquer um dos elementos da comunicação.

Os resultados estão organizados em categorias de análise, onde apresenta-se a discussão na sequência, ao todo foram estabelecidas cinco categorias que são apresentadas a seguir.

Vale lembrar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob o parecer n. 296.896, emitido 03/06/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Categoria 1 - Sentimentos dos estagiários em um possível ambiente de trabalho

Todos os grupos destacaram a importância do acolhimento do estagiário pela equipe que o recebe, nesse sentido Bosquetti e Braga (2008) afirmam que os alunos esperam apoio e acolhimento da equipe de saúde. Os que foram bem acolhidos sentiram-se parte daquela equipe e inseridos totalmente nela, referindo melhor aproveitamento do estágio do que os que não tiveram a mesma experiência. A necessidade de conquistar a equipe foi destacada, logo, a forma como o estagiário é inserido no grupo pode influenciar no aproveitamento desse momento de oportunidades. Ser aceito e acolhido pela equipe de trabalho é um passo importante para o bom funcionamento do serviço, bem como para a satisfação profissional (MATTOSINHO et al., 2010).

Muitos alunos referiram sentimentos de medo, angústia, insegurança, preocupação, principalmente no início do estágio, como pode ser observado nessa fala:

“medo do novo, como era o novo, como a gente não ia ter o professor do lado, segurando na mão (...), é diferente porque consta assim como uma responsabilidade bem maior. (...) da recepção, de como as outras pessoas iam me ver e como elas iam me receber”.

Sentimentos que são comuns ao se colocar diante de algo novo, pois, os estagiários de enfermagem não haviam vivido essa experiência antes. Vale lembrar, que os dados foram coletados no final da primeira de duas etapas que acontecem nesse módulo de estágio, conforme apresentado na metodologia. Bosquetti e Braga (2008) afirmam que o graduando ao

adentrar na realidade da prática profissional durante o estágio experimenta sentimentos ambivalentes: da mesma maneira que se sentiram inseridos na profissão, experimentam a angústia frente aos novos desafios como a receptividade dos profissionais do local de estágio, a segurança quanto à realização dos procedimentos técnicos, insegurança quanto aos critérios de avaliação.

Os sentimentos negativos aparecem porque eles consideram-se sozinhos, mas quando o enfermeiro supervisor apresenta a rotina do setor, o papel do enfermeiro e auxilia nas atividades, o estagiário consegue ir distanciando-se destes sentimentos negativos que aparecem no início do estágio. Além disso, o aluno tem contato com o professor periodicamente, recebem orientações, sugestões para melhorar, aproximar o aluno do mundo do trabalho através da reflexão crítica e estimula a ação criativa diante do estágio por meio do saber-fazer. Lima et al. (2014) destaca que a interação entre o estagiário, docente e enfermeiros durante o estágio favorece na formação do futuro enfermeiro, incorporando nos espaços e novos sujeitos na formação deste profissional, tendo como finalidade desenvolver no acadêmico, uma consciência crítica e reflexiva, bem como estimular a capacidade de compreender e intervir na realidade social. Veja como o estagiário destaca seu sentimento:

“Eu tava com medo do desconhecido, equipe nova, de gente diferente, (...) com o passar dos dias eu fui me sentindo mais segura, (...) fui ficando completamente apaixonada pelo setor”

Alguns sujeitos destacaram que se sentiram mais à vontade por não ter a figura constante do professor, Casate e Corrêa (2006) confirmam em sua pesquisa que os alunos têm dificuldade em estabelecer uma relação empática com o professor devida sua postura rígida e acaba vendo-o como uma ameaça. Isto mostra que quando os professores não estão presentes diariamente eles sentem-se bem. Como nesse relato:

“esse sentimento de professor, de professor ta do lado, eu já tinha posto na cabeça, várias vezes que eu ia ficar sozinho, (...) tive que começar conquistando o pessoal. (...) não ter o professor, pra mim foi muito melhor, porque a presença do professor (...) eu começava tremer e não conseguia fazer”.

No entanto, um dos acadêmicos ressalta que sentiu falta do amparo docente, mas frente a essa situação, o estagiário buscou outros meios de sanar suas dúvidas, um deles é recorrer à enfermeira supervisora e, também as pesquisas individuais e espontâneas movidas pela necessidade, assim adquirem conhecimentos e com o passar dos dias vão desenvolvendo maturidade e independência, tornado-se mais autônomos.

A falta da vivência interfere na atuação do estagiário, fazendo-o buscar o apoio do docente. “É pela experiência, imbuída da prática, que o estagiário adquire conhecimento técnico-prático, proporcionando uma reflexão crítica que o leva à autoconfiança” (QUEIROZ et al., 2013, p. 141).

Essa busca pelo conhecimento é uma atividade rica para a formação profissional, permitindo também um desenvolvimento pessoal, profissional e a consolidação de conhecimento adquirido unido com esse contato direto com a realidade e o mundo do trabalho (TAVARES et al., 2011).

A atitude de querer construir o saber, buscando conhecimento é algo natural para o aluno. Isso ocorre porque o acadêmico reconhece o que está entorno de si e da sua práxis acadêmica e social. É a sua intencionalidade que o orienta a construir a própria bagagem de conhecimento, os graduandos revelaram que existem escolhas sobre o modo de efetivar a construção do conhecimento, por meio do diálogo com o professor e exercitando a autonomia (FERNANDES; FREITAS, 2007).

Categoria 2 - Atuação do enfermeiro supervisor na formação do estagiário

Parte dos relatos destaca a postura do enfermeiro supervisor como uma referência, um exemplo a ser seguido, quando esse enfermeiro tem perfil de educador o estagiário ressalta

sua participação e contribuição para seu aprendizado, o vê como essencial no processo de formação. Com dito:

“eu tive a oportunidade de ter, de acompanhar um enfermeiro que eu possa me espelhar (...). O enfermeiro que eu quero seguir como exemplo pra mim, e um ótimo profissional, (...), ele me ensinou tudo que ele podia e não podia, (...) ele contribuiu muito na minha formação, a minha visão clinica”.

Segundo a análise de Lima et al. (2014), o modelo do enfermeiro supervisor pode ser considerado um propósito a ser alcançado pelo aluno, devido a isso o enfermeiro deve ter consciência da sua importância para o estagiário e também do seu papel enquanto referência profissional para ele.

Ito e Takahashi (2005) também confirmam que o enfermeiro tem papel fundamental no aprendizado do aluno que desenvolve o ECS, sendo referência de trabalho, facilitando e intermediando na integração do aluno ao serviço e a equipe, e para isso, é necessário que o enfermeiro esteja preparado para transmitir a sua experiência para o aluno assimilar os conhecimentos.

No entanto, nem todos os enfermeiros possuem esse perfil, o que pode tornar esse momento menos proveitoso que no caso anterior, mas mesmo assim, ele é observado pelo aluno e suas atitudes servem de aprendizado. De acordo com Burgatti et al. (2013) é possível aprender apenas observando as atitudes do docente e profissionais de saúde, sua maneira de agir com os pacientes e, devido a isso, é importante obter oportunidades para atuar em ambientes reais. Há relatos que destacam o enfermeiro como excelente profissional, mas que não possui habilidades com ensinamentos junto ao estagiário, possivelmente por ter dificuldades em acompanhá-los. Porém, os enfermeiros estão cientes destas responsabilidades, mas vêm-se frequentemente confrontados com dificuldades durante o exercício desta atividade de supervisão (SILVA; PIRES; VILELA, 2011). Mesmo quando os

alunos não concordam com algumas posturas ou atitudes desses supervisores, relatam que houve aprendizado pelo exemplo observado. O exemplo da seguinte fala:

“Você vai vê o que ele faz de errado e você vai pensar: isso não vou fazer, porque isso não é legal, o aprendizado é seu”.

Dessa forma, observa-se que ao estar junto a um profissional atuando no mundo do trabalho o acadêmico pode aprender com diferentes formas de atuação e que isso vai influenciar no estabelecimento de sua identidade profissional que está em desenvolvimento, segundo Buriolla (2009) é nesse momento que se inicia o estabelecimento da identidade profissional do aluno. Mas, quando o perfil de educador está presente nesse enfermeiro são ampliadas as contribuições para o aprendizado.

A atuação do enfermeiro como supervisor do ECS pode propiciar esta oportunidade de atualização, contribuindo para o seu acesso a novos conhecimentos, bem como à troca de experiência com o graduando e à aproximação com os professores e com o ambiente acadêmico da universidade. Essas oportunidades podem viabilizar o fornecimento de subsídios para sua preparação, como a oferta de cursos e apoio à pesquisa, instrumentos tão necessários para o aperfeiçoamento do profissional (LIMA et al., 2014, p. 135-136).

Categoria 3 - Dificuldades no decorrer do estágio

A maioria dos sujeitos alegaram a falta de conhecimento como dificuldade durante o estágio, principalmente quanto às técnicas e procedimentos de enfermagem relacionados ao conteúdo de semiotécnica e que essa deficiência dificultou a correlação da teoria com a prática. O que pode ser notado nos relatos:

“A gente não consegue ver todos os procedimentos (...) não é sempre que temos aula prática no laboratório.”

“do conhecimento mesmo, teórico-prático, (...), então essa dificuldade do conhecimento mesmo, de conseguir desenvolver. (...) E na prática, muitas vezes, você não tem opção de errar”

É preciso pensar uma formação orientada para o trabalho que integre habilidades teóricas e práticas, atitudes e valores éticos, ao mesmo tempo em que contemple conhecimentos gerais e específicos (SILVA; BONETTI; MATTOSINHO, 2010). Ainda relataram insegurança e medo de errar, provavelmente pela mesma dificuldade citada acima. Dias (2014) explica que esse medo de errar provoca um sofrimento psíquico e que diante disso é importante o aluno ter suporte e apoio do professor para minimizar esse sentimento de insegurança.

Outra dificuldade levantada foi em lidar com questão de foco administrativo relacionado a características específicas de determinados setores (formulários, normas e rotinas), pois, durante a graduação, trabalha-se o que há de comum na maioria dos setores, o que observa-se nas falas:

“Tive dificuldade, (...) entender como é que funciona a parte administrativa de relatórios, e dar baixa (...) como é que faz.”

“o principal problema ali onde eu tava é, pelo fato de trabalhar com convênios e ter ala, ala particular, então é, o que você escreve no prontuário têm que estar muito correto”.

Formiga e Germano (2005) alegam que o ensino de administração está cada vez mais presente na prática da enfermagem, apresentando-se como elemento básico na formação do acadêmico. Diante dessa dificuldade o professor orientador tem a missão de ensinar, instruir e/ou incentivar o estagiário a ter iniciativa em aprender e tirar dúvidas.

Outra questão foi o cumprimento do plano de atividades de estágio, pois alguns alunos relatam que não conseguiram cumpri-lo de forma integral. Relacionaram o fato à construção deste ter pouca ou nenhuma participação do enfermeiro supervisor, assim a realidade do local é pouco contemplada. Rodrigues e Tavares (2012) afirmam que nem sempre o estágio é

acompanhado por enfermeiros com autonomia para participar do planejamento de atividades do estágio, e muitos até mesmo desconhecem o Projeto Político-pedagógico do Curso.

O ensino ainda busca se integrar ao serviço, mas é necessário dar espaço para que o serviço se integre às ações da academia, pois pouco se observa a participação dos profissionais na definição e planejamento de atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes (BREHMER; RAMOS, 2014).

Também destacaram a dificuldade em lidar com as emoções despertadas devido às limitações por ser estagiário e não poder implantar as mudanças que julga necessárias para o melhor desenvolvimento das atividades no seu campo de estágio e, outras dificuldades relacionadas às questões emocionais como as convivências com situações de sofrimento e perdas, situações que envolvem o desenvolvimento da maturidade emocional do indivíduo. Esperidião e Munari (2004) relatam que tal situação é responsável pelo crescimento pessoal, mesmo que traga sentimentos muitas vezes desconfortáveis.

Categoria 4 - Opiniões e/ou sugestões sobre a forma organizacional do ECS

Entre as sugestões esta a flexibilidade dos horários de estágio, devido à importância de conhecer como é o funcionamento dos setores em outros períodos, por interesse em aprender procedimentos diferentes e ter contato com diferentes perfis de enfermeiro. Essas sugestões não implicaram na satisfação do estagiário, pois a maioria alegou estarem satisfeitos com o período do estágio.

Conforme o Projeto Pedagógico e o Regulamento de estágio o qual os sujeitos da pesquisa estão vinculados, o ECS obrigatório é realizado individualmente, tendo um enfermeiro docente como orientador e um enfermeiro assistente como supervisor, cada acadêmico deve cumprir uma carga horária de 612 horas/relógio (153 dias letivos – 4 horas/relógio dia), sendo assim distribuído igualmente, 306 horas/relógio em unidade de

saúde pública e 306 horas/relógio em unidades hospitalares, realizados de segunda à sexta-feira, das 7:00 às 11:00h (UEMS, 2004).

Outra sugestão foi que o estágio deveria ser realizado somente em instituições públicas por entender que nesses locais os acadêmicos se sentem mais a vontade em fazerem sugestões e desenvolver suas atividades, pois um dos hospitais públicos que foram realizados os estágios é um hospital/escola e a equipe está mais preparada para recebê-los. Paiva e Martins (2011) citam que a natureza pedagógica do processo de estágio, o hospital-escola propicia ao acadêmico um desenvolvimento de competência em “saber-aprender”. Pois, é imprescindível ter uma equipe cooperando na realização dos cuidados aos pacientes, para o desenvolvimento das atividades e do aprendizado (TORRES; BARROSO, 2008).

No entanto, há destaques para a importância da vivência em instituições privadas onde se tem outros aprendizados, como por exemplo, o contato com impressos de convênio e atendimento com outro perfil de usuário.

Os alunos que ficaram em setores com procedimentos específicos como, por exemplo, maternidades, pediatria, tiveram desejo de conhecer outros setores.

Outra sugestão foi relacionada à padronização da avaliação pelos professores orientadores, afirmando que a maneira utilizada para avaliação é diferente entre eles, também citam sobre o plano de atividades e o relatório final, onde apresentam que cada professor exige de maneira diferente. Vale lembrar que o módulo de ECS (Proj. Pedagógico 2004) apresenta em seu plano de ensino formulários padronizados que orientam os pontos a serem considerados na avaliação, assim como a construção do relatório final. Mas, a avaliação da prática se dá de forma subjetiva em que cada docente tem o seu olhar sobre o desempenho de cada aluno e assim julgam da maneira que acreditam ser adequado.

“Acho que essa é a visão do professor orientador teria que ser (...) unânime essa visão, a questão do relatório, eu também me senti muito perdida, (...) então eu acho

assim, que tinha que ter uma padronização de tipo de relatório e também (...) preparação pros enfermeiros, pros orientadores, (...) ser um modelo diferente pra quem ta no hospital (...) e a unidade ser outro tipo de relatório, porque cada um tem uma característica”.

Tronchin et al. (2008) sustentam que na avaliação o docente promove ao discente, responsabilidades e compromisso, soluções para o enfrentamento dos problemas, habituando-se a um processo participativo de ação-reflexão-ação que visa transformar a construção do conhecimento. E, quando ela se dá nesse sentido torna-se algo além da exigência burocrática de emitir uma nota, contribuindo para o crescimento do avaliado, mas padronizá-la como algo idêntico torna-se complexo, pois cada professor tem suas concepções, seu olhar e cada aluno a sua necessidade.

Categoria 5 - Expectativas alcançadas sobre o estágio curricular supervisionado

Durante a graduação, dentro da universidade, é possível adquirir conhecimento teórico e nas aulas práticas fazer correlações entre teoria e prática, no entanto, devido a limitações relacionadas às oportunidades no decorrer dessas aulas não é possível realizar todos os procedimentos vistos na teoria. Com isso, no momento que o acadêmico vai para o ECS eles se voltam às técnicas e procedimentos relacionados aos conteúdos de fundamentos da enfermagem, dessa forma ao obter destreza manual e realizar os procedimentos com segurança, ficam extremamente satisfeitos, o que é evidenciado na seguinte fala:

“O meu superou minhas expectativas (...) peguei coisas que jamais imaginei que eu veria na academia né, (...) por pegar jugular, passar sonda (...) veio vários procedimentos diferentes (...) a parte administrativa também”.

Da mesma forma, acontece quanto ao desenvolvimento da autonomia quando o estagiário se sente capaz de realizar atividades inerentes a futura profissão sem a supervisão

direta do professor orientador ou do enfermeiro supervisor, essas oportunidades fazem com que eles considerem o estágio válido, sentem-se até privilegiados. Diante disso a maioria dos estagiários menciona que suas expectativas frente ao ECS foram atingidas e superadas.

A partir do momento que os alunos passam a integrar entre os profissionais de saúde, a liberdade e a autonomia são conquistadas ao exercitar a função do enfermeiro dia-a-dia, sentindo-se fortalecido para tomada de decisões, posicionamento pessoal/profissional (ALONSO, 2003).

Durante o estágio, alguns setores possuem uma demanda de procedimentos que o aluno não esperava, tornando suas expectativas parcialmente alcançadas. Quando o estagiário se depara com essa situação, ele não se sente útil e preparado para o mundo do trabalho, como cita um deles:

“eu não sei se me sinto preparado para o mercado de trabalho (...) eu acho que eu deveria saber muito mais, entendeu? Falhas minhas e falhas do estágio, os dois falos nesse sentido”

Em contrapartida, há situações que mostram que o ensino de graduação tem dificuldades para adequar-se às exigências do mundo do trabalho, como por exemplo, o ensino focalizar-se em conteúdos que não encontram correspondência na prática assistencial ou a exigência do cumprimento do saber técnico, de forma até rígida, durante a graduação e que nem sempre é possível de ser seguido na vida profissional (COLENCI; BERTI, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo realizado foi possível evidenciar como os estagiários vêem o ECS, a partir de sua primeira experiência, ou seja, seu primeiro contato com ele, levantar sentimentos, sugestões, contribuições e dificuldades encontradas.

Assim, observou-se que os estagiários adquiriram maior aproveitamento e satisfação quando conseguiram conquistar a equipe, quando foram bem acolhidos e tiveram uma boa interação com a mesma. No início das atividades surgiram sentimentos negativos, que acredita-se ser devido ao novo desafio que o estágio representa para eles, mas esses sentimentos foram superados com o passar dos dias dando lugar aos sentimentos positivos, como confiança e autonomia, questões emocionais vivenciadas no estágio proporcionaram maturidade emocional e crescimento pessoal. O desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo se dá diante da vivência na realidade da população, da aproximação do mundo do trabalho através da ação reflexão ação promovida pelas discussões entre professor, aluno e enfermeiro, onde as formas de abordagem desses profissionais podem interferir diretamente nesse processo, assim como, o aluno que a depender de seu interesse constrói sua bagagem de conhecimento.

Entre as dificuldades relatadas, destacaram-se a insegurança em realizar procedimentos técnicos e administrativos específicos de determinados setores, o que pode ser reflexo de alguma deficiência no processo ensino-aprendizagem. Outra dificuldade é cumprir o plano de atividades do estágio, o que se acredita que ocorra devido sua elaboração estar restrita nas mãos do professor e do aluno, tendo pouca ou nenhuma participação do enfermeiro, dificultando o progresso do acadêmico.

Mesmo estando satisfeito com os horários do estágio, os acadêmicos se interessam em conhecer outros setores de períodos diferentes, mostrando desejo de aprender e lidar com vários tipos de profissionais e pacientes, também levantaram sugestões de estagiarem somente em hospitais públicos, por acreditarem que há maior possibilidade de aprendizagem.

As expectativas são alcançadas quando se obtêm aprendizado em procedimentos técnicos e se adquire autonomia para realizá-los. Essa questão é tão favorizada que os

estagiários que tiveram pouca demanda desses procedimentos, consideram-se despreparados para o mercado de trabalho.

A pesquisa mostrou que o ECS é indispensável na formação do enfermeiro, entretanto ainda é preciso aprimorar seu processo de ensino-aprendizagem, promovendo reflexões sobre ele que possam envolver tanto professores e acadêmicos como enfermeiros supervisores de estágio, entende-se que esse processo somente atingirá seu ápice quando todos os atores estiverem envolvidos nele, desde seu planejamento até sua conclusão.

Espera-se que esse estudo contribua para o aperfeiçoamento do ECS na graduação em enfermagem, em especial da UEMS e, considerando que com ele não é possível responder a todas as questões sobre seu desenvolvimento, pois limitou-se a ouvir somente um dos atores envolvidos (o estagiário), gera-se a necessidade de se realizar estudos com os demais atores envolvidos nesse processo.

Nota dos autores

¹Graduanda do Curso de enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS; <letícia_lrb@hotmail.com>

²Enfermeira, Mestre em Educação pela UFGD, Docente do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS; <anamarran@yahoo.com.br>

Para realização desta pesquisa foram respeitados os critérios éticos necessários em pesquisas com seres humanos. Com aprovação pelo CEP/UFMS nº 296.896 em 03 de junho de 2013.

Artigo decorrente de Trabalho de Conclusão de Curso. Dourados, MS. Curso de Graduação em Enfermagem, UEMS, 2014.

Instrumento para a coleta de dados

Foram realizadas as seguintes questões para coletar os dados:

Como vocês se sentiram em um possível ambiente de trabalho?

Como vocês vêem a influencia do enfermeiro supervisor na formação de vocês?

Quais dificuldades ocorreram durante o estágio?

Concordam com a forma organizacional do estágio? Dê sugestões.

Suas expectativas foram atingidas neste estágio?

REFERÊNCIAS

- ALONSO, I. L. K. O exercício de liberdade e autonomia na academia: uma prática pedagógica no estágio curricular supervisionado. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília. set/out, vol.56, n.5, p. 570-573, 2003.
- BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, vol. 35, n4, p. 438-442, 2011.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições, 2009.
- BENITO, G. A. V. et al. Desenvolvimento de competências gerais durante o estágio supervisionado. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília, jan/fev; vol. 65, n.1, p.172-178, 2012.
- BOSQUETTI, L S.; BRAGA, E M. Reações comunicativas dos alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular. *Revista Escola de Enfermagem USP*; São Paulo, vol. 42, n.4, p. 690-696, 2008.
- BREHMER, L. C. F.; RAMOS, F. R. S. Experiências de integração ensino-serviço no processo de formação profissional em saúde: revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, jan/mar, vol. 16, n. 1, p. 228-237, 2014.
- BURGATTI, J. C. et al. Problemas éticos vivenciados no estágio curricular supervisionado em Enfermagem de um currículo integrado. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, Agosto, vol. 47, n.4, p. 937-4, 2013.
- BURIOLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CASATE, J. C.; CORREA, A. K. Vivências de alunos de enfermagem em estágio hospitalar: subsídios para refletir sobre a humanização em saúde. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, vol. 40, n.3, p. 321-328, 2006.
- COLENCI, R; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. *Revista Escola de Enfermagem USP*; São Paulo, fev, vol. 46, n.1, p. 158-66, 2012.

COLLISELLI, L. et al. Estágio curricular supervisionado: diversificando cenários e fortalecendo a interação ensino-serviço. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Relato de experiência. Brasília, Nov/dez, vol. 62, n. 3, p. 932-937, 2009.

DIAS, E. P. et al. Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. *Revista de Psicopedagogia*, São Paulo, vol. 31, n. 94, p. 44-55, 2014.

ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, D. B. Holismo só na teoria: a trama de sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo-SP, vol. 38, n.3, p. 332-340, 2004.

ESTEBAN, M. P. S. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERNANDES, M. F. P.; FREITAS, G. F. A construção do conhecimento do graduando de enfermagem: uma abordagem ético-social. *Revista Escola de Enfermagem USP*. São Paulo, Jan./Feb, vol. 60, n.16, p. 62-67, 2007.

FORMIGA, J. M. M.; GERMANO, R. M. Por dentro da História: o ensino de Administração em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, mar/abr; vol. 58, n.2, p. 222-226, 2005.

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo. Brasília: Líber livro, 2005.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber livro, 2005.

ITO, E. E. et al. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, vol. 40, n.4, p. 570-575, 2006.

ITO, E. E.; TAKAHASHI, R. T. Percepções dos enfermeiros de campo sobre o estágio curricular da graduação de enfermagem realizados em sua unidade de trabalho. *Revista Escola de Enfermagem USP*; São Paulo, vol. 39, n. 1, p. 109-110, 2005.

LIMA, T. C. et al. Estágio curricular supervisionado: análise da experiência discente. *Revista Escola de Enfermagem USP*. São paulo, Jan/fev; vol. 67, n.1, p.133-140, 2014.

MARRAN, A. L.; LIMA, P. G. Estágio Curricular Supervisionado no ensino superior brasileiro: Algumas reflexões. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, Agosto, Vol. 7, n. 2, p. 1-19, 2011

MATTOSINHO, M. M. S. et al. Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém- formados em enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, abr, vol. 23, n. 4, p.466-471, 2010.

MINAYO, M. L. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5a ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, vol.1, n.3, 2º sem., 1996.

PAIVA, K. C.M.; MARTINS, V. L. V. Contribuições do estágio extracurricular para as competências profissionais: percepções de enfermeiros de um hospital público. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, abril/jun, p. 227-238, 2011.

PAIVA, K. C.M.; MARTINS, V. L. V. Contribuições do estágio extracurricular para as competências profissionais: percepções de acadêmicos de enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. Goiânia, abr/jun, vol. 14, n. 2, p. 384-394, 2012.

POUPART, J. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes,. p. 215 – 253, 2008.

QUEIROZ, M. A. S. et al. Estágio curricular supervisionado: percepções do aluno-terapeuta em fonoaudiologia no âmbito hospitalar. *Revista CEFAC*, Fortaleza, jan/fev, vol.15, n.1, p.135-143, 2013.

RESCK, Z. M. R.; GOMES, E. L. R.. A formação e a prática gerencial do enfermeiro: caminhos para a práxis transformadora. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. Jan/-fev; vol. 16, n.1, 2008.

RODRIGUES, L. M. S.; TAVARES, C. M. M. Estágio supervisionado de enfermagem na atenção básica: o planejamento dialógico como dispositivo. *Revista Rene*, fev/nov, vol. 13, n. 5, p. 1075-1083, 2012.

SILVA, D. G. V. et al. Os desafios enfrentados pelos iniciantes na prática de enfermagem. *Revista escola de enfermagem. USP*. Sao Paulo – SP, Vol. 44, n.2, p. 511-516, 2010.

SILVA, R.; PIRES, R.; VILELA, C. Supervisão de estudantes de Enfermagem em ensino clínico – Revisão sistemática da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*. Mar, III Série - n.º 3, p.113-122, 2011.

SPAGNOL, C. A. et al. Comissão de estágios em enfermagem: A experiência do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*; Belo Horizonte, abr/jun, vol. 8, n. 2, p. 326-329, 2004.

STUTZ, B. L.; JANSEN, A. C. Ensino técnico na área da saúde: os desafios do processo de aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)*, Uberlândia, jul/dez, v. 10, n.2, p. 211-221, 2006.

TAVARES, P. E. N. et al. A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola a vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola: olhar fenomenológico. *Revista Rene*, Fortaleza, out/dez, vol.12, n.4, p. 798-807, 2011.

TORRES, C. A.; BARROSO, M. G. T. Estágio eletivo na formação do acadêmico de enfermagem: algumas reflexões. *Revista Rene*, Relato de experiência. Fortaleza, jul/set, vol. 9, n. 3, p. 108-115, 2008.

TRONCHIN, D. M. R. et al. Instrumento de avaliação do aluno com base nas competências gerenciais do enfermeiro. *Acta Paulista de Enfermagem*. Relato de experiência; vol. 21, n. 2, p. 356-360, 2008.

WERNECK, M. A. F. et al. Nem tudo é estágio: contribuições para o debate. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.15, n.1, p. 211-231, 2010.

Anexo I

Normas para publicação

REVISTA TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Instruções aos autores

Trabalho, Educação e Saúde publica contribuições originais com o intuito de desenvolver o estudo sobre temas relacionados à educação profissional em saúde. A política editorial da revista consiste em discutir esta área sob a ótica da organização do mundo do trabalho, de uma perspectiva crítica, sistemática e interdisciplinar. Antes de fazer a submissão de um manuscrito, recomenda-se a leitura e o atendimento das normas para publicação.

A revista aceita contribuições inéditas dos seguintes tipos:

Ensaio Produção textual de amplo alcance teórico-analítico, não conclusivo e não exaustivo. Tamanho: 6.000 a 10.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Artigos Apresentação de resultado de pesquisa de natureza empírica ou conceitual. Tamanho: 4.000 a 8.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Debates Discussão sobre temas específicos, tanto encomendados pelos editores a dois ou mais autores, quanto advindos de colaboradores. Tamanho: até 5.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Entrevistas Opinião ou posição de entrevistado qualificado nas áreas de conhecimento da revista.

Resenhas Crítica de livro relacionado aos campos de confluência da revista, publicado ou traduzido nos últimos três anos. Tamanho: até 1.500 palavras.

Apresentação do manuscrito

Colaborações devem ser digitadas no Word, na fonte Times New Roman, em corpo 12, em espaço duplo. Artigos, ensaios e debates devem ainda conter um resumo em português e em inglês (*abstract*) de, no máximo, 200 palavras, e título em inglês, além do título na língua original. Os manuscritos podem ser apresentados em português, espanhol, inglês e francês. O título deve ser conciso e representativo do conteúdo do texto. O(s) autor(es) deve(m) indicar se a pesquisa é financiada, se é resultado de dissertação de mestrado ou tese de doutorado, se foi aprovada por Comitê de Ética da área e se há conflitos de interesse. Em texto com dois ou mais autores, logo após as notas de fim, devem vir especificadas, de forma sucinta, as responsabilidades de cada autor na preparação do manuscrito.

Palavras-chave: Mínimo de três e máximo de cinco palavras-chave descritoras do conteúdo do trabalho, apresentadas na língua original, em espanhol e em inglês (*keywords*).

Figuras: Tabelas, quadros, diagramas, fotografias, gráficos e ilustrações não devem ultrapassar o máximo de seis por artigo, salvo exceções específicas ao campo temático do manuscrito, caso em que o autor deverá manter uma comunicação prévia com os editores. Todas as figuras, com exceção de fotografias, devem ser numeradas e ter título, estando apenas as iniciais do título em maiúsculas. As referências devem ser feitas por números (ex. Gráfico 3) e não por expressões como “a figura abaixo”.

Notas: As notas devem vir ao fim do texto, sucintas e numeradas de forma consecutiva. Não devem ser utilizadas para referências bibliográficas.

Grifos: Solicita-se a não utilização de sublinhados e negritos. As aspas simples podem ser usadas para chamar a atenção para um item particular do texto. Palavras de outras línguas, que não o português, devem ser italicizadas, assim como títulos de obras mencionadas.

Citações: Citação no corpo do texto deve vir marcada com aspas duplas, com sobrenome do autor, ano e página, como no exemplo (Bourdieu, 1983, p. 126); citação com autor incluído no texto deve vir Gramsci (1982); citação com autor não incluído no texto será (Frigotto e Ciavatta, 2001). No caso de citação com mais de três autores, somente o sobrenome do primeiro deverá aparecer no texto, como em Spink *et al.* (2001). Se a citação exceder três linhas, deverá vir com recuo à esquerda equivalente a um parágrafo, em corpo 11.

Referências: Para elaboração das referências, *Trabalho, Educação e Saúde* adota a norma NBR 6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Todas as referências citadas, inclusive nas notas, nos quadros e nas figuras, deverão compor as referências bibliográficas ao fim do texto, em ordem alfabética, sem numeração de entrada, e um espaço entre elas. Nas referências serão citados, no máximo, até três autores com todos os nomes. No caso de mais de três autores, citar apenas o primeiro, seguido da expressão *et al.* Diferentes títulos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser distinguidos, adicionando-se uma letra em minúscula após a data (ex. 2010a, 2010b), tanto nas citações no corpo do texto quanto na lista de referências bibliográficas. Observem-se os exemplos a seguir:

Artigo

AROUCA, A. S. Quanto vale a saúde dos trabalhadores. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 243-265, dez. 1995-mar. 1996.

SPINK, M. J. P. et al. A construção da Aids-notícia. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, 2001.

Livro e tese

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MENDES-GONÇALVES, R. B. *Medicina e história: raízes sociais do trabalho do médico*. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva)-São Paulo, Faculdade de Medicina, USP, 1979.

Capítulo de livro

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

Resumo de congressos

LAURELL, Asa Cristina. O Estado e a garantia do direito à saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 8., 2006, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2006. 1 CD-ROM.

Dados fornecidos por agências governamentais (Secretarias, Ministérios, IBGE etc.)

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-RJ). *Dados sobre acidentes ocupacionais com material biológico*. Rio de Janeiro: SMS-RJ, 2000.

Leis, decretos, portarias etc.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27.839.

Relatórios técnicos

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. *Referencial curricular para curso técnico de agente comunitário de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 64 p. (Série A. Normas e manuais técnicos)

Relatórios final ou de atividades

BRASIL. Ministério da Saúde. *Relatório final das atividades*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1999.

Jornal

- a. Sem indicação de autoria: O GLOBO. Fórum de debates discute o projeto Educando o Cidadão do Futuro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 jul. 2001. Caderno 1, p. 18.
- b. Com autoria: TOURAINE, Alain. Uma resistência possível. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 2001. Mais, Caderno 7, p. 18-20.

Internet

- a. Texto em periódico eletrônico: AZZARÀ, Stefano G. Crítica ao liberalismo, reconstrução do materialismo. Entrevista com Domenico Losurdo. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 35, p. 157-169, 2012. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/entrevista19Entrevista.pdf>. Acesso em 7 out. 2013.
- b. Texto em jornal eletrônico: NUBLAT, Johanna. 38,7% dos usuários de crack das capitais do país estão no Nordeste. *Folha de S. Paulo*, Seção Cotidiano, São Paulo, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/1344256-40-dos-usuarios-de-crack-das-capitais-do-pais-estao-no-nordeste.shtml>>. Acesso em: 27 set. 2013.
- c. Texto disponível (fora de revista ou jornal): Disponível em: BRASIL. Ministério da Educação. Portal Educação. Educação profissional: referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico - área Saúde. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/saude.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2013.

CD-ROM

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sistema de informação sobre mortalidade - 1979 a 1996*. Brasília, 1997. 1 CD-ROM.

Revisão

A revista se reserva o direito de sugerir alterações em usos informais da língua e de corrigir variantes não padrão do português.

Avaliação

As contribuições encaminhadas à revista são, primeiramente, avaliadas pelos editores, que julgam a adequação temática do texto à linha editorial da publicação e, posteriormente, por até três pareceristas *ad hoc*. Nomes dos autores e avaliadores de cada original são de conhecimen-

to exclusivo dos editores. Os originais apresentados à *Trabalho, Educação e Saúde* não devem ter sido publicados e não devem ser submetidos simultaneamente a outra revista. Originais submetidos à revista não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Direitos autorais

Exceto nos casos em que está indicado o contrário, ficam concedidos à revista os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados, que não podem ser reproduzidos sem a autorização expressa dos editores, em forma idêntica, resumida ou modificada, em português ou qualquer outro idioma. Os colaboradores manterão o direito de reutilizar o material publicado em futuras coletâneas de sua obra sem o pagamento de taxas à revista. A permissão para reedição ou tradução por terceiros do material publicado não será feita sem o consentimento do autor. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores e dos membros do Conselho Editorial da revista.

Benefício dos autores

Após a publicação, os autores recebem dois exemplares do número da revista no qual o texto foi publicado.

Instruções para submissão de manuscritos

Os manuscritos devem ser submetidos pelo sistema de avaliação de manuscritos da Revista, disponível na página: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br>

Primeiramente, o autor principal deve cadastrar-se no sistema e depois cadastrar o manuscrito. Solicitamos aos autores que observem e sigam as instruções para apresentação do manuscrito. Para informações adicionais, consultar os editores: revtes@fiocruz.br
Aceita-se permuta.

REVISTA, trabalho, educação e saúde. Instruções aos autores.

<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=InstrAutor>